

O jornalismo colaborativo no conflito entre Israel e Hamas no Jornal Nacional

*The journalism collaborative in the Israel-Hamas Conflict
by Jornal Nacional on TV Globo*

Paulo Eduardo Silva Lins CAJAZEIRA¹

Resumo

Este estudo aprofunda a análise da construção da narrativa-testemunho na cobertura pelo Jornal Nacional da TV Globo, durante o conflito entre Israel e o grupo Hamas na Faixa de Gaza, em outubro de 2023. O foco recai sobre os vídeos gravados e publicados nas redes sociais pelos cidadãos palestinos naturalizados brasileiros, que presenciaram os eventos em Gaza. Adota-se a técnica de métodos qualitativos, documentais e exploratórios, a partir dos vídeos exibidos no Jornal Nacional e publicados na plataforma Globoplay. O objeto de análise é o conteúdo colaborativo na forma de imagens audiovisuais veiculadas no telejornal. O referencial teórico trabalha com os conceitos de mediação da informação aplicados ao jornalismo e, para análise do conteúdo, utiliza-se da teoria da Narratologia de Tzvetan Todorov (2008).

Palavras-chave: Narrativa. Telejornalismo. Cobertura internacional. Jornalismo colaborativo. Participação cidadã.

Abstract

This study delves into the analysis of testimonial narrative construction in the coverage of the October 2023 conflict between Israel and Hamas in the Gaza Strip by Jornal Nacional on TV Globo. The focus is on videos recorded and published on social media by Palestinian citizens naturalized as Brazilians who witnessed the events in Gaza. The study employs qualitative, documentary, and exploratory methods, analyzing videos aired on Jornal Nacional and published on the Globoplay platform. The object of analysis is the collaborative content in the form of audiovisual images broadcast on the newscast. The theoretical framework utilizes concepts of information mediation applied to journalism and employs Tzvetan Todorov's (2008) Narrative Theory for content analysis.

Keywords: Narrative. Telejournalism. International coverage. Collaborative journalism. Citizen participation.

¹ Pós-doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior, Portugal. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas. Coordena o Grupo de Pesquisa Centro de Estudos de Pesquisa em Jornalismo (CNPq). E-mail: paulo.cajazeira@ufpel.edu.br

Introdução

A análise da narrativa da participação cidadã de brasileiros de origem palestina no conflito em Gaza no Jornal Nacional se faz relevante para compreender a forma como a imprensa brasileira representou essa comunidade e suas ações na cobertura de um conflito internacional. Através da revisão crítica do texto jornalístico em TV, busca-se identificar os elementos que constroem a narrativa, os personagens, o narrador, as perspectivas privilegiadas e os possíveis impactos dessa representação na sociedade. Em outubro de 2023, o conflito entre Israel e o Hamas na Faixa de Gaza voltou a tomar as manchetes dos jornais brasileiros e estrangeiros. Nesse contexto, a participação cidadã na construção da narrativa jornalística ganhou destaque, especialmente por meio dos vídeos gravados e publicados nas redes sociais por cidadãos palestinos naturalizados brasileiros, como o comerciante paulistano Hassan Rabbe e a estudante Shared Al Banna.

Neste estudo examina-se como a narrativa colaborativa foi incorporada na cobertura do Jornal Nacional e quais os impactos na percepção do público sobre os eventos. Como problema de pesquisa formulou-se a seguinte questão: “Como o relato das vítimas da guerra entre Israel e o grupo Hamas, no Jornal Nacional, impactou na visibilidade midiática do conflito e na opinião pública brasileira?”.

Como primeira hipótese (H1) aponta-se que: “a exposição dos fatos e das críticas nos vídeos de Hassan Rabbe, amplificados pela cobertura do Jornal Nacional, contribuiu para a visibilidade do conflito, influenciando a opinião pública brasileira. E, como segunda hipótese (H2): “a repercussão da narrativa de Hassan Rabbe e de outros colaboradores na região do conflito, no Jornal Nacional, contribuiu para que o governo federal pudesse organizar uma força operacional para retirar brasileiros de origem palestina e seus familiares da zona de conflito e repatriá-los ao Brasil”.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, exploratória e documental. A coleta de dados se baseou em três fases: 1) levantamento bibliográfico na busca por autores que abordam temas como a mediação da informação; 2) análise documental com a seleção e análise de vídeos publicados por colaboradores nas redes sociais e suas participações no Jornal Nacional, em outubro de 2023 e 3) análise crítica pragmática da narrativa com a

aplicação da técnica proposta por Todorov (2008) considerando os planos da expressão, do conteúdo e da metanarrativa, na qual o que interessa não é o fato em si, mas o sentido do fato. “É o estudo dos princípios que regulam o uso da linguagem na comunicação, ou seja, as condições que determinam o emprego de um enunciado concreto” (Motta, 2013, p. 128).

O plano da expressão é o plano da linguagem, o plano da superfície do texto, por meio do qual o enunciado narrativo é construído pelo narrador. O plano do conteúdo (intriga) é projetado em nossa mente pelos recursos de linguagem utilizados pelo narrador. Já o plano da metanarrativa é o da estrutura profunda, relativamente mais abstrato e evasivo, que evoca imaginários culturais. São situações éticas fundamentais plasmadas por um narrador quando ele se propõe a narrar. (Motta, 2013, p.138). O objetivo geral é investigar a narrativa-testemunhal do colaborador do telejornal, na cobertura internacional do Jornal Nacional.

Para a aplicação das técnicas da análise de conteúdo, procurou-se extrair as informações principais dos documentos selecionados. Nesta investigação foi necessário ver com acuidade no olhar e detalhamento cada reportagem, que incluía conteúdo colaborativo e testemunhal das vítimas no local do conflito, pois somente a reportagem na plataforma Globoplay, o resumo não contemplava adequadamente as categorias de análise necessárias à obtenção dos dados.

Visando alcançar os nossos objetivos específicos propostos, procedeu-se a organização da análise que, segundo Bardin (2014), percorre três etapas: pré-análise (leitura flutuante, escolha dos documentos, formulação de hipóteses e objetivos, formulação dos índices e elaboração dos indicadores, preparação do material); a análise com a exploração do material e a pós-análise, com o tratamento dos resultados. Esta última etapa requer a avaliação detalhada, que corresponde a inferência e interpretação dos dados. Compreendeu-se que a análise de conteúdo contribuiu com verificação desta proposta.

De acordo com Silva (2012, p. 10-12), "a pesquisa científica é um processo sistemático de investigação que visa gerar novos conhecimentos e solucionar problemas". O processo envolve a coleta de dados, a análise das informações e a formulação de conclusões. A construção metodológica possibilita a realização de cada etapa da investigação visando analisar um conjunto de elementos e instrumentos que devem ser utilizados.

Os aspectos da mediação da informação em TV

Como referencial teórico procura-se, inicialmente, por meio da mediação da informação, compreender a relação entre o colaborador e a produção do telejornal. Para tanto, recorre-se ao pesquisador Guilherme Orozco (1998), que entende a televisão como um ambiente que não é neutro e sim uma instituição. Mais do que isso, tem uma tripla dimensão: instituição, meio e tecnologia. Logo, isso desencadeia diversos tipos de interação e é um dos argumentos que leva o pesquisador a falar de multimedicações.

A mediação da informação é inserida em diversos contextos, incluindo educação, jornalismo, empresas e comunidades urbanas. Este texto apresenta as ações realizadas nesses espaços e discute como a mediação da informação pode impulsionar o indivíduo na descoberta, construção e transformação do mundo, tanto em um sentido objetivo quanto subjetivo. É importante observar que a não implementação da mediação em diversos contextos pode contribuir para a privação cultural. Portanto, a mediação da informação desempenha um papel crucial na promoção do acesso à cultura e ao conhecimento, contribuindo para a formação de uma sociedade mais informada e inclusiva. Em suma, a mediação da informação é uma ferramenta poderosa para a transformação social e cultural (Varela; Freire, Farias, 2013).

Segundo Almeida Júnior (2009), o conceito de mediação da informação e suas dimensões na área da Comunicação e Informação são de fundamental importância. A compreensão inicial do conceito de mediação da informação é centrada nas ideias de interferência e apropriação da informação. É importante destacar que a mediação envolve um terceiro elemento, que pode ser o profissional da informação, suas ações, o espaço onde atua e os produtos documentários gerados. O conceito de mediação da informação é reformulado, incorporando novas concepções como ambientes de equipamentos informacionais, satisfação parcial e momentânea, e conflitos.

Ressalta-se a importância de compreender a mediação como um processo contínuo e dinâmico. A mediação da informação é abordada em duas dimensões. A primeira, denominada “mediação intrínseca da informação”, é intrínseca ao trabalho do profissional da informação. Esta dimensão está presente tanto no atendimento ao público, conhecido como mediação explícita da informação, quanto nos serviços internos, conhecido como mediação implícita da informação. Para envolve aspectos conscientes e inconscientes.

A segunda dimensão, denominada “mediação extrínseca da informação”, está relacionada à disseminação da informação. Esta dimensão envolve a organização de serviços, a estruturação do atendimento e as ações de educação de usuários. Estas duas dimensões, “mediação intrínseca da informação” e “mediação extrínseca da informação”, são sugeridas para evidenciar suas diferenças e complementaridades. Ambas são essenciais para a compreensão completa do conceito de mediação da informação na área da Comunicação e Informação (Almeida Júnior, 2009).

Na mediação oral do texto jornalístico, o repórter/jornalista se utiliza de algumas importantes ferramentas: voz, corpo, espaço e a presença. Destaca a importância da disseminação da notícia por meio da oralidade e o papel crucial do jornalista como mediador oral. Ele enfatiza a relação íntima entre o público-narrador/jornalista-narrador e o leitor-ouvinte nas narrativas orais. O jornalista é retratado como responsável pela formação e manutenção de leitores, necessitando conhecer elementos que garantam unidade textual e vivacidade às narrativas orais, alcançando o estado desejado da performance literária.

O Almeida Júnior (2009), menciona os quatro pilares fundamentais para essa mediação oral: a voz, o corpo, o espaço e o estado de presença. A voz é descrita como um instrumento que seduz, transmitindo histórias e emocionando tanto o narrador quanto o ouvinte. O corpo, através de movimentos, gestos, expressões faciais e respiração, enriquece a narrativa e fortalece a relação entre o narrador e a audiência. O espaço é considerado importante para criar um ambiente propício à mediação oral e favorecer a apropriação textual. Por fim, o estado de presença é resultado da interação entre o narrador, o ouvinte e os ouvintes entre si, gerando um envolvimento coletivo. Em suma, ressalta a importância da narrativa oralizada e o papel do jornalista como mediador oral nesse processo.

Já para Orozco (1996) existem três conceitos-chaves: o primeiro é a televidência, outro é o entendimento de scripts e, por último, as multimediasções. O autor lembra que os processos de televidência constituem uma área de conflito que envolve aspectos culturais, políticos, econômicos, de mediações e é nessa perspectiva que instituições distintas e hegemônicas disputam a opinião pública. Assumir o telespectador como sujeito – e não só como objeto – frente à TV supõe, em primeiro lugar, entendê-lo como um ente em situação e, portanto, condicionado individual e coletivamente, que “se vai constituindo” como tal de muitas maneiras e se vai também diferenciando como resultado

da sua particular interação com a TV e, sobretudo, das diferentes mediações que entram em jogo no processo de recepção.

Segundo Orozco (2005, p.32) “os scripts são sequências importantes para a sobrevivência cultural que se aprendem na interação social desde muito cedo, ainda durante a idade na qual o bebê interage com os que o rodeiam e isso continua ao longo da vida”. E, por final, o conceito de multimediações. Orozco (2005) defende a existência de mais de uma mediação e as relaciona ao ambiente televisivo: mediação videotecnológica relacionada à forma escolhida pela televisão para provocar reações (na linguagem televisiva).

É a própria institucionalização específica da TV; a) mediação cognitiva: está diretamente relacionada com os padrões de scripts vividos pelos telespectadores, ocorrendo assim de acordo com a vivência de cada sujeito; b) mediação situacional: ocorre apenas quando existem situações criadas pela TV e não existe no convívio habitual de outras instituições ; c) mediação institucional: um telespectador está diante de outras instituições que também provocam mediações; d) mediação de referência: está relacionada diretamente à estratificação dos programas, logo do telespectador.

O conceito de Narratologia e os estudo de Todorov

O linguista e filósofo búlgaro, Tzvetan Todorov é considerado um dos principais nomes da narratologia, disciplina que estuda a estrutura e os elementos das narrativas. Sua obra, influenciada pelo estruturalismo francês, propõe uma análise sistemática dos elementos que compõem as histórias, buscando identificar padrões e princípios universais que regem a construção narrativa. O estruturalismo, corrente de pensamento que influenciou diversos campos do conhecimento no século XX, propõe que a realidade social e cultural pode ser compreendida através da análise de suas estruturas subjacentes.

Na narratologia, essa abordagem se traduz na busca por identificar os elementos básicos que compõem as narrativas e as relações que se estabelecem entre eles. Em sua obra, "Gramática da Narrativa" (2006), Todorov apresenta um modelo estruturalista para a análise das narrativas. Ele propõe que toda narrativa se baseia em uma oposição fundamental: a ruptura de um estado de equilíbrio inicial e a busca por um novo estado de equilíbrio. Essa ruptura, que gera o conflito e impulsiona a trama, é denominada por

Todorov como "falta". O autor também propõe um sistema de funções narrativas, que representam as etapas pelas quais a história se desenvolve.

Narrar um fato é apontado por Hergesel e Silva (2016) como contar uma história, tanto real como fictícia, tendo variações de autor para autor. Os autores apontam que o texto narrativo pode ser comparado a uma tessitura de lã, que é composta por retalhos, os quais apontam para movimentações e envolvem personagens, que podem ser humanos ou não. As palavras dos autores acenam para a trama dos diversos pontos envolvidos no momento de narrar uma história, de levar ela ao ar - quando nos referimos ao telejornalismo.

Ao falarmos do jornalismo, Câmara e Bonsanto (2021, p. 6) afirmam que ele “[...] trilha caminhos de apreensão diversos, trabalhando com uma realidade que é configurada narrativamente”. Nas palavras de Hergesel e Silva (2016), o estruturalismo também é indicado para análise em narrativas midiáticas. Os autores recorrem ao pensamento de Todorov, em relação à análise estrutural, para embasar o seu pensamento: “Não se satisfaz com uma pura descrição da obra, nem com sua interpretação em termos psicológicos ou sociológicos, ou mesmo filosóficos” (TODOROV, 2006, p. 80). Eles ainda dizem sobre o olhar estruturalista de Todorov:

Por mais que existam teóricos pós-estruturalistas questionadores e críticos desse pensamento, que se dissemina em outros livros de Todorov (1970, 1971, 1982), alguns autores ainda se aprofundam na sabedoria todoroviana, como Abdala Júnior (1995) e Vasconcelos (2008). Seus estudos mostram que o texto narrativo é uma obra de alfaiate cuja estrutura pode ser dividida em quatro módulos: (a) exposição – apresentação breve dos personagens, tempo e espaço; (b) complicação – conflito entre os personagens, o que gera tensão; (c) clímax – o momento de maior tensão, parte mais impactante; (e) desfecho: consequências, solução ou conclusão do conflito (HERGESEL; SILVA, 2016, p. 89-90).

Todorov (2006, p. 81) salienta, referindo-se à literatura, que a análise estrutural é voltada na contemplação de obras reais: “É preciso acrescentar imediatamente que, na prática, a análise estrutural visará também a obras reais: o melhor caminho para a teoria passa pelo conhecimento empírico preciso”. Nesse momento, podemos pensar no estudo da narrativa telejornalística. Nas palavras de Todorov (2006, p. 81), cabe refletir sobre este tipo de análise:

Mas essa análise descobrirá em cada obra o que esta tem de comum com outras (estudo dos gêneros, dos períodos etc.), ou mesmo com todas as outras (teoria da literatura); ela não saberia dizer a especificidade individual de cada uma. Na prática, trata-se sempre de um movimento contínuo de ida e volta, das propriedades literárias abstratas às obras individuais e inversamente. A poética e a descrição são, de fato, duas atividades complementares.

Para Todorov (2011), uma narrativa pode ser dividida em história e discurso: a história está relacionada ao conteúdo que está sendo contado, que é levado ao leitor, e o discurso tem relação com a forma como ele é apresentado. Hergesel e Silva (2016, p. 90) explicam:

Explanando melhor: a história (o conteúdo) abarca o sentido de evocar uma realidade, expondo acontecimentos que supostamente ocorreram – ainda que ficticiamente – e que podem ser relatados por um livro, um filme, uma conversa oral etc. O discurso (a forma), por sua vez, não compreende os acontecimentos em si, mas a maneira como o narrador permite que o leitor os conheça.

Esses autores ainda salientam que a criação de uma narrativa é processual, e apontam categorias, as quais são elencadas por Todorov e estendidas por pensadores da área da comunicação literária: personagens, enredo narrador, tempo, espaço, analepse/prolepse, discurso e ornamentos.

Ainda de acordo com Todorov (2008), existem os “homens-narrativas” em que, nas palavras do autor, um personagem é o que determina a ação, sendo a ação também a ilustração da personagem. Ou seja, não há personagens fora da ação, nem ação independente de personagens. Se as duas estão indissolúvelmente ligadas, uma é, entretanto, mais importante que a outra: as personagens. Isto é, os caracteres, a psicologia.

Os acontecimentos relatados pelas narrativas são interpretados por personagens, atores que representam seres humanos concretos, e realizam coisas que os humanos também realizam. A construção das personagens conduzidas pelos editores de jornalismo busca representar as condutas humanas, que fornecem ao narrador (repórter/editor) a matéria-prima e os modelos. Ao narrar, alguém está explorando na sua imaginação possíveis desenvolvimentos das condutas apontadas por alguns como um efeito mimético (ou imitação).

Coleta e análise dos dados

A cobertura do conflito entre Israel e o grupo Hamas em Gaza, pelo JN, começou no dia 07 de outubro de 2024. Passados dois dias dos ataques, no dia 09 de outubro de 2023, alguns brasileiros de origem israelense, e brasileiros que faziam turismo na região, pediram ajuda à embaixada do Brasil em Tel Aviv no retorno ao país, conforme reportagem de Marcos Losekann direto de Brasília ao Jornal Nacional. No dia 13 de novembro, os 32 brasileiros de origem palestina e seus familiares, entre eles os colaboradores do JN, o comerciante Hassan Rabbe e a estudante Shared Al Banna, que se encontravam em Gaza, foram repatriados. Estes dois são os principais personagens-testemunho da história, seguidos pelo jornalista, o narrador e organizador dos fatos e o editor, responsável pelas informações editadas, mapas e infográficos com o intuito de posicionar o público sobre o espaço do acontecimento. Ou seja, um conjunto de atores reunidos na construção narrativa do resgate na região de conflito.

O tempo de análise ocorreu entre os dias 13 de outubro e 13 de novembro de 2023. Os recursos utilizados pelos personagens nas reportagens foi identificado na crítica literária como: *analepse* e *prolepse*. A *analepse* é uma citação utilizada pelo personagem narrador fazendo referência ao passado. Já a *prolepse* é a referência utilizada pelos personagens para falar sobre o futuro. A exemplo da esperança de abertura da fronteira com o Egito, e desta forma, poderem embarcar no avião da FAB, que iria repatriá-los de volta ao Brasil. O espaço é na região de Gaza, nomeadamente nas cidades de Rafah e Khan Yunes (no extremo sul de Gaza), terminando nos aeroportos de Recife e Brasília (Brasil).

O discurso dos personagens era sempre testemunhal (*close-up*), gravado por meio de smartphones sobre o drama vivido e direcionado ao público brasileiro. Identifica-se, preliminarmente, um exemplo de personagem com as seguintes características: onisciente (um tipo de narrador que conhece toda a história e os detalhes da trama) e autodiegético, quando narra a história em sua ordem cronológica e perspectivas próprias. Ele relata o que presenciou e considera conteúdo e temas relevantes para construir seu testemunho.

Figura 01: Hassan Rabbe e outros repatriados.



Fonte: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/>

Figura 02: O colaborador do JN, Hassan Rabbe na fronteira entre Gaza e o Egito.



Fonte: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/>

Figura 03: A estudante brasileira de origem palestina, Shared Al Banna (ao meio).



Fonte: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/>

Figura 04: O comerciante Hassan Rabbe em acampamento na Faixa de Gaza.



Fonte: Fonte: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/>

Figura 05: Brasileiros de origem palestina e seus familiares no embarque para o Brasil



Fonte: Fonte: Fonte: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/>

Como já situamos, os personagens são agentes da ação. No caso das narrativas telejornalísticas, estamos considerando personagens aqueles agentes humanos que foram fundamentais ao desenvolvimento das reportagens. Ao elencarmos os personagens, podemos ver diversos papéis no delineamento das histórias e na construção dos discursos, lembrando que, para Todorov (2011), uma narrativa é constituída de uma história e de um discurso.

Nas fotos 01 a 05 as personagens das reportagens estão sempre em primeiro plano ou close-up, com o fundo na cena da enunciação contando ao seu espectador os acontecimentos, desde a vida na Faixa de Gaza, passando pelo apelo às autoridades brasileiras para retirá-los da zona de conflito e o embarque para o Brasil. As narrativas correspondem ao diário audiovisual da situação em que as personagens da reportagem se encontravam. Um recorte da situação na visão de brasileiros, algo similar ao que fazem os repórteres internacionais em coberturas jornalísticas, porém, com um diferencial: o narrador vocal, personagem principal do acontecimento.

Recorre-se nesse momento da análise ao pesquisador de cinema Paulo Emílio Salles Gomes (2018) para quem a fala narrativa se desenrola paralelamente, às vezes em contraponto, à narração por imagens e ruídos. A narração falada do colaborador do

telejornal se processa igualmente dos mais pontos de vista. Ora impera o narrador ausente da ação (repórter), outras vezes a narração se faz do ponto de vista e naturalmente com a própria voz do personagem. Esse recurso assegura não raro dimensões dramáticas às personagens: “A narrativa visual nos coloca diante do mais fácil e imediato, do que seria dado a conhecer a todos. O narrador vocal sabe muito mais, na realidade sabe tudo, mas só nos fornece dados para o conhecimento dos fatos, de forma reticente e sutil” (GOMES, 2018, p. 109).

Segundo Gonzaga Motta (2013), a análise da narrativa ou como ele a chama de análise pragmática, parte-se do pressuposto de que em qualquer forma de comunicação há um contrato implícito entre o narrador e o leitor, contrato cognitivo entre emissor e destinatário pelo qual o narrador procura garantir a adesão de seu interlocutor destinatário em sua fala. Talvez seja por isso que, durante a fala de Hassan Rabee e Shared al Banna encontramos um destinatário em comum, a audiência. Eles se utilizaram da linguagem informal, direcional e dedicada aos seus seguidores nas redes sociais.

Inicialmente os vídeos com os testemunhos eram publicados apenas para o público nas redes sociais online, mas, após a repercussão do tema na imprensa nacional e internacional, a procura por depoimentos direto das zonas de conflito, fez com que a produção de jornalismo não apenas do JN, mas da imprensa brasileira em geral, entrasse em contato com essas vítimas do conflito na procura dos seus depoimentos direto da região do conflito. Assim, o telejornal incluiu suas narrativas nas reportagens.

Gonzaga Motta (2013, p. 129) explica que a interpretação do texto narrativo por parte do receptor, põe necessariamente em jogo os mecanismos pragmáticos. Eles podem ser definidos como uma função entre o significado codificado na expressão linguística utilizada (o conteúdo semântico) por um lado, e a informação pragmática com que conta o destinatário, por outro lado (com todos os conhecimentos, crenças, hipóteses que cada um pressupõe sobre o seu interlocutor. Pode-se afirmar que neste caso seria uma jogo de manipulação discursiva, na qual o jornal se deixa manipular, manipula o lugar privilegiado da personagem e o público deixasse manipular pelas falas e imagens de ambos: o telejornal e os personagens da reportagem.

Conclusão

Esta pesquisa inicial explorou as implicações das narrativas para o telejornalismo, focando nos depoimentos de colaboradores e seus efeitos na comunidade palestina no Brasil. Os resultados demonstram como tais narrativas fortalecem as histórias dos colaboradores, que serviram como ferramentas para a construção e o fortalecimento da identidade palestina no Brasil, combatendo o apagamento cultural e promovendo a autoafirmação. Ao mesmo tempo em que os colaboradores denunciaram o racismo e a xenofobia vivenciados pela comunidade palestina no Brasil, combatendo a discriminação e o ódio. A ampla cobertura da imprensa brasileira sobre as narrativas dos colaboradores pode ter influenciado políticas públicas e ações governamentais relacionadas à causa palestina e à imigração.

A pesquisa também abre espaço para discussões sobre os desafios e as oportunidades para a comunidade palestina se engajar ainda mais na sociedade brasileira e defender seus direitos. É crucial para trabalhos futuros devem ampliar as investigações, incluindo diferentes vozes e perspectivas dentro da comunidade palestina, garantindo uma representação mais abrangente e diversa, o diálogo intercultural é essencial para a construção de pontes entre diferentes grupos sociais, promovendo a compreensão mútua e a busca por soluções pacíficas, a educação para a paz e o combate à discriminação e ao ódio são pilares fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde os direitos de todas as partes envolvidas no conflito israelo-palestino sejam respeitados.

Ao lançar luz sobre as implicações das narrativas para o telejornalismo e a comunidade palestina no Brasil, esta pesquisa serve como um chamado à ação. É necessário um esforço contínuo para dar voz às diversas perspectivas dentro da comunidade é crucial para construir um debate mais rico e abrangente. A promoção de um diálogo intercultural entre diferentes grupos é essencial para superar preconceitos e construir uma sociedade mais justa. E, a busca por soluções pacíficas e o respeito aos direitos humanos de todas as partes envolvidas no conflito israelo-palestino devem ser prioridades.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. **Mediação da informação e múltiplas linguagens**. Pesquisa brasileira em ciência da informação, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2014.

CÂMARA, C.; BONSANTO, A. **Construindo espaços fluidos: a potência narrativa da incerteza nas análises de jornalismo**. 2021. **E-Compós**, v. 24. <https://doi.org/10.30962/ec.2189>.

FARIAS, Maria Giovanna Guedes; VARELA, Aida Varela; FREIRE, Isa Maria. **Construção e acionamento de um modelo de mediação da informação**. Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa, v.23, n.3, p. 175-188, set./dez. 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92630>. Acesso em: 18 maio 2023.

HERGESEL, J. P.; SILVA, M. C. **Análise estrutural todoroviana do tecido narrativo confeccionado em 'Record'** (direção de Mess Santos, 2014). **Comunicação & Inovação** v. 17, p. 87-101, 2016.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Ed. UnB, 2013.

OROZCO, G. O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva. In: **Communicare**, v.5, n.1, jun 2005. São Paulo: Cásper Libero, 2005, p. 27-42.

OROZCO, G. Hacia una pedagogía de la televidencia. In: **Comunicación y Sociedad**. Guadalajara: México, n. 32, 1998, p. 169-199.

OROZCO, G. Hay que hacer algo, pero no somos los indicados: ambitos de mediación y supertemas en la televidencia de las noticias. In: **Comunicación y Sociedad**. Guadalajara: México, n.27, 1996, p. 111-140

REDE GLOBO. **Jornal Nacional**. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/>

SALLES GOMES, Paulo Emilio et al. **Personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

SILVA, Jonathas L. Carvalho; FREIRE, Gustavo H. de Araújo. **Um olhar sobre a origem da ciência da informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária**. Enc. Bibli. **R. Eletr. Bib. Ci. Inf.**, ISSN 1518-2924, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 1-29, jan./abr., 2012. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download/1518-2924.../21708>. Acesso em: 10 maio. 2024.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas** / Tzvetan Todorov. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TODOROV, T. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland *et al.* **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 218-264.